

## As constantes vitais de Barbara Hammer

### Mostra de cine de Barbara Hammer

**Direcção:** Barbara Hammer.

**Lugar:** CGAI, A Coruña. Ciclo *Cinema e Ciência*.

A cineasta estadounidense Barbara Hammer passou polo CGAI corunhês para apresentar umha breve mostra da sua ingente filmografia, emarcada

no ciclo *Cinema e Ciência*. A septuagenária artista começou a facer cinema, há já quarenta anos, inspirada pola obra da matriarca do cinema experimental estadounidense, Maya Deren, e por James Sibley Watson, o autor da temperá *Lot in Sodom* (1933). Da primeira a atrai a sua condição de mulher artista num mundo masculino; do segundo a sua (intuída) sensibilidade homosexual. Watson será o protagonista do documentário *Dr. Watson's X-Rays* (1990) e as suas cineradiografias constituem a base da fermosa *Sanctus* (1990, projectada na Corunha), na que Hammer se deleita ante a beleza e espiritualidade do interior do corpo humano.

Hammer nom é umha desconhecida para o público galego. Na última década foi deixando breves pegadas nos museus, cinematecas e centros sociais do país. No ciclo *Introdução aos clássicos do cinema experimental* (1999) pudemos ver a pós-estruturalista *Bent Time* (1983). *Optic Nerve* (1985) tivo cabida no ciclo *Em*

*primeira pessoa. Relaçõs do sujeito na intimidade* (CGAC, 2006). *Dykectatics* (1974) e *Superdyke* (1975), duas obras que reivindicam a liberdade e os direitos do colectivo lésbico, formárom parte do ciclo *Batalha dos géneros* no CGAC em 2007. No mesmo ano *History Lessons* (2000) passou polo CGAI no ciclo *Cine-ensaio: A forma que pensa* e a mesma película pudo-se ver no C. S. Atreu da Corunha um ano depois. Nela a autora recicla material pré-existente para recuperar a história oculta do lesbianismo. E em 2009 o CGAC incluiu *Women I Love* (1976) na exposição *Em todas as partes: políticas da diversidade sexual na arte*. *Women I Love* é um retrato múltiplo e erótico de mulheres intercalado com imagens de

frutos e verduras nos que se busca o símil vaginal.

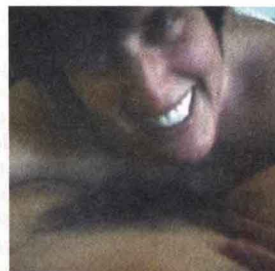
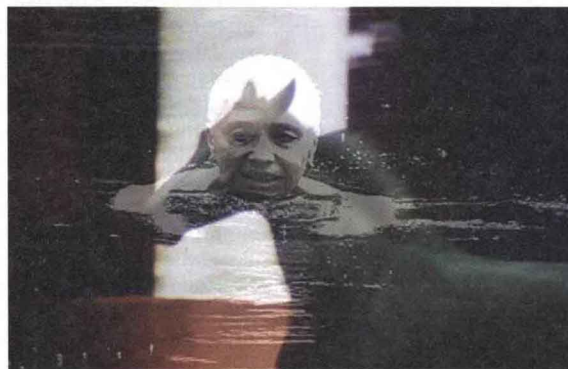
(De todas estas projecções só as que tivérom lugar no CGAI respeitárom o formato cinematográfico. Nom deixa de ser triste, ainda que sintomático dos tempos, que num museu como o CGAC tenhamos que ver *Women I Love* de pé ante um pequeno monitor.”

Umha das obras de Hammer, *Endangered* [1988], reflexiona precisamente sobre a figura da e do cineasta experimental como um ser “em perigo de extinção”: o celuloide semelha ter desaparecido dos museus há já tempo).

Esta “popularidade” dumha cineasta experimental pode surpreender mas tem umha explicação: Umha das vertentes do seu cinema é claramente militante (ainda que a autora prefira o termo “pessoal”) e reivindicativa da liberdade homosexual, adubada com explícitas imagens sexuais (coitos, masturbações, vaginas abertas, menstruações) nas que a própria cineasta participa sem pudor. Esta tendência presta-se para ilustrar exposições co-



Barbara Hammer e [abaixo] fotograma da sua última película *A Horse is not a metaphor*.



Imaxe de *Women I Love* (1976)

te ao documentário íntimo, em primeira pessoa, mais convencional. Neste senso a vida confunde-se coa obra e a sua juvenil presença na Corunha, apresentando a sua de momento última película, *A Horse is not a Metaphor* (2008), premiada na Berlinale deste ano, nom se pode desligar do contido da obra, na que a autora se autorretrata, consumida e avelhentada, durante um tratamento de quimioterapia. A sua presença e vitalidade actual é um colofom necessário para entender a película como um canto à vida, mostra palpável da superação do cancro de ovários que a artista padeceu.

Mas a mim interessa-me mais essa outra vertente da sua filmografia, aquela directamente experimental, de grande beleza plástica e inquietudes estruturais (*Bent Time*), materialistas (*Optic Nerve*, projectada na Corunha) e paisagísticas (*Pond and Waterfall*, 1982). O seu barroquismo e elaboração formal e as suas intensas cores nom agacham, porém, a image figurativa, e em certas peças aparentemente abstractas (a citada *Optic Nerve*, por exemplo) coam-se planos de persoas (a avoa enferma, neste caso) que nos levam às preocupações das suas obras mais narrativas: a vida (e a sua contrapartida, a morte), a carne, o tacto, a enfermidade. A avoa doente de *Optic Nerve* nom deixa de ter similitudes coa carne hospitalizada da própria autora em *A Horse is not a Metaphor*. E entom entendemos: Hammer nom filma a enfermidade cumha atitude morbosa senom com amor e como reafirmação da vida. Quando recupera as radiografias de Watson para sublinhar o aspecto espiritual do corpo humano; de aí que repita esses planos em *A Horse...* e introduza umha dança cum esqueleto, ao tempo macabra e vital, na última obra que vimos na Corunha, *Vital Signs* (1991), é dizer, “constantes vitais”. ●

Alberte Paján